

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v. 24 n.40

jan/jun 2019

e-ISSN:2179-8001.

DOSSIÊ

Carina Ochi Flexor¹
Cleomar de Sousa Rocha²
Olira Saraiva Rodrigues³

Desenleio: Espaços e entremeios

Unleashing: spaces and insets of reading access

Resumo

A proposta deste artigo é destringir questões que abordem configurações de bibliotecas contemporâneas, diante do contexto da cultura digital, com a compreensão de características multissensoriais e de fluxo e conexão, frente às inovações tecnológicas. Por meio de uma pesquisa bibliográfica em uma abordagem qualitativa, versar sob o *modus operandi* que conduz a biblioteca contemporânea à superação de sua própria delimitação espaço-temporal, diante do aspecto multissensorial das mídias nos processos comunicacionais, bem como os modos de acesso, compartilhamento e armazenamento ao objeto exposto à leitura

Palavras-chave

Cultura Digital. Bibliotecas contemporâneas. Acesso. Compartilhamento. Armazenamento

Abstract

*The purpose of this article is to identify issues that approach contemporary library configurations, in the content of digital culture, with the understanding of multisensory characteristics and flow and connection, in the face of technological innovations. Through a bibliographical research in a qualitative approach, to study under the *modus operandi* that leads the contemporary library to overcoming its own space-temporal delimitation, in face of the multisensorial aspect of the media in the communicational processes, as well as the modes of access, sharing and storage to the object to read.*

Keywords

Digital Culture. Contemporary libraries. Access. Sharing. Storage.

1 - Universidade de
Brasília (UNB), Brasil
ORCID: 0000-0001-9597-8922

2 - Universidade Federal de
Goiás (UFG), Brasil
ORCID: 0000-0003-0483-8380

3 - Universidade Estadual de
Goiás (UEG), Brasil
ORCID: :0000-0003-2371-3030

*Texto recebido em 10/junho/2019

*Texto publicado em 17/junho/2019

DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.93793>

DESAFIOS

Este escrito alvitra debruçar em questões basilares das novas configurações de bibliotecas do século XXI. Nesse processo, a compreensão de particularidades e de complexas transformações sofridas pela sociedade faz necessitar uma reflexão sobre o contexto cultural que envolve os espaços das bibliotecas, repensados a partir de distintos espaços de leitura, de convívio e de interação.

Não há como passar incólume pelo conceito das mídias digitais, no contexto que se discute aqui, no universo das bibliotecas digitais. Como numa escala crescente, há um desprendimento da materialidade para a projeção do devir, do vir a ser, a partir da biblioteca física em uma nova composição, com a alteração de sua forma e visualidade. Dessa forma, o estudo de configurações e formatações de espaços de leitura e suas relações, como um deslocamento no funcionamento de espaços limítrofes. Nesse sentido, nos espaços de práticas culturais, emergem outras práticas, ancorando distintas formas de desdobramentos nas dobras e redobras.

Notoriamente, os modelos de assimilação, circulação e consumo de conteúdos de leitura e pesquisa têm na tecnologia seu sustentáculo. Analogicamente, esses modelos se reverberam no ambiente das bibliotecas. Para tanto, para além da ênfase em equipamentos, dispositivos, ferramentas, instrumentos e aparatos tecnológicos, aponta-se para a importância de resvalar o conceito de cultura digital, enquanto práticas sociais, como um processo complexo que se estabelece nas tramas de relações sociais que se configuram no cotidiano.

Todo esse contexto faz eclodir uma realidade que se torna evidente: a necessidade de se ponderar o aspecto fluido do lugar na contemporaneidade e apresentando a linha de raciocínio que compõe essa propositura de artigo, interessa olhar para a biblioteca em metamorfose, por meio de novas configurações para atender seus usuários ao mesmo tempo em que esses mesmos são a mudança em exercício, isso sem desconsiderar os aspectos formais e simbólicos do ambiente materializado.

No exercício de coexistência das bibliotecas físicas e digitais, as formas de

partilhar se ampliaram. Nesse caso, há uma subversão, criam-se espaços, criam-se modalidades com novas sensibilidades. Essa questão sinaliza para a urgência em se transcender a reflexão acerca da natureza do suporte sobre a qual a matéria informacional se debruça, avançando no sentido de perceber que a citada ontologia da mídia vem promovendo rupturas paradigmáticas nos processos comunicacionais mais amplamente, e, nesse caso, nos modos de armazenamento e acesso ao objeto exposto à leitura.

DESVELAMENTOS: A MULTISSENSORIALIDADE DAS MÍDIAS EM ACESSO E COMPARTILHAMENTO

A linguagem, legitimamente multissensorial, é inclinada em suas construções e sentidos. Os partícipes, diante de seus contextos, exercitam suas conexões e (im)precisões interpretativas. Tais processos comunicacionais se constituem em redes semânticas, dissolúveis e recombináveis. De modo similar, as mídias têm experimentado condições deveras distintas, emergindo de contextos tensionados pela cultura, que converge no devir midiático. Segundo Santaella (2003):

Para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 02).

Tais condições, tidas como progressos, decorrem das mudanças científico-tecnológicas, como fontes diversas dos processos comunicacionais e uma prática fundamentada no fluxo e na conexão. Há um envolvimento mais profundo com a cultura digital, especialmente no século XXI, quando interesses de distintas esferas sociais influenciam cada vez mais este meio. A exemplo, o formato acadêmico

de disseminar conhecimento ainda mais usualmente legitimado é a impressão dos livros, com paginações lineares. Contudo, com o advento das tecnologias digitais de informação e comunicação, surgem distintas potencialidades e desafios tanto para gestar, quanto para organizar, armazenar e recuperar informações.

O reconhecimento de como essas narrativas se estabelecem, diante de suas constituições, indiciam caminhos novos ao acesso à leitura e à produção do conhecimento, propiciando vestes contemporâneas ao organismo da aprendizagem.

O destaque, nos últimos tempos, tem sido para a tecnologia, que consegue singularizar a experiência, tornando-a experiência fundante. Os modos de apresentação de enunciados, via aparatos tecnológicos, que por si já são sedutores (MURRAY, 2012), amplificam o potencial de experiência, imanente dos acervos em bibliotecas online, em nítidos diálogos com o contexto contemporâneo, caracterizado pela conectividade tecnológica, o que permite singularizar o acesso.

Essa crescente da experiência é vetor cada vez mais evidente, mesmo nas grandes bibliotecas mundiais, que discretamente ou não, incorporam as tecnologias de nosso tempo, em sondagens dos espíritos contemporâneos. E, ao fazê-lo, redimensionam não apenas as funções e seu fazer, mas essencialmente revisam o *modus operandi* que conduz a biblioteca contemporânea, enquanto instituição, à superação de sua própria delimitação espaço-temporal.

Um caminho aberto para se compreender como a medida de controle do fluxo de informações, por meio de outras vias de acesso pode equivaler a uma outra forma de correlação entre tais domínios. Espaços de liberdade para usuários participarem e interpretarem experiências estéticas. Quanto ao fenômeno digital, as novas ferramentas e os códigos das imagens - como são organizados digitalmente os textos do livro - desvelam o que provavelmente a imagem de capa já o faz: há uma captura diante da envoltura com a imagem, que nos sorve e absorve em configurações absolutamente novas. Tal perspectiva, inclusive, justifica-se pela própria ontologia da cultura digital que faz reconhecer a base comum digital de distintos produtos da cultura.

Ainda no campo da produção científica e cultural, os ícones da cultura de posse e guarda se deixaram seduzir, finalmente, pela nova cultura. Bibliotecas e museus se abrem para a perspectiva de novos diálogos sociais, reinventando seu posicionamento e sua função na sociedade conectada. De origem grega, a palavra biblioteca significa depósito de livro, referindo-se a uma caixa ou armário para a guarda de livros. A terminação teca é usada ainda em palavras como midiateca, brinquedoteca, pinacoteca, cinemateca, videoteca, filmoteca, hemeroteca e discoteca, esta última em franco desuso, mas com o mesmo sentido de lugar de guarda. Os museus, lugares voltados para a guarda de bens naturais e culturais, se vincularam, ao longo de sua história, ao próprio conceito de passado, quando,

de fato, sua função é o exercício do diálogo com as culturas, valendo-se da diacronia como princípio.

A revisão funcional desses lugares, a partir da lógica cultural do acesso e compartilhamento, não os faz abandonar os termos que os nominam, uma vez que a língua permite uma reordenação semântica, atualizando sentidos em função de seu uso. Por outro lado, algumas variações podem acusar essa mudança lógica e sua composição, como podemos notar em termos como biblioteca e biblioteca digital.

Enquanto o termo biblioteca faz referência a um espaço tradicional, que reúne livros impressos, visivelmente alinhado com seus acervos (posse) e preservação (guarda), as bibliotecas digitais migram seus acervos, colecionando *bits* que virtualmente se atualizam como livros e afins. As bibliotecas digitais não necessitam de espaços físicos e disponibiliza acervos *on-line*. A maioria são consideradas repositórios digitais de conteúdos diversos, tanto educacionais, quanto culturais, artísticos, científicos, dentre outros.

Tomando como empréstimo a discussão de museus em rede em detrimento aos museus presenciais, Rodrigues (2017) salienta que:

O funcionamento em rede, nesse formato, é caracterizado mediante a operação de conteúdos sobre a infraestrutura da conectividade usuário/sistema, objetivo crucial da interface. Afinal, este espaço de hiper mobilidade indica as intersecções do espaço digital e físico nesta revolução digital, também denominada de tecnologias de conexão contínua, especialmente nos contextos culturais e educacionais (RODRIGUES, 2017,p. 48).

De igual modo, essas bibliotecas vieram para promover uma evolução no acesso às fontes de informações. Ao invés de ir a uma biblioteca física e lá encontrar um livro material para, muitas vezes, consultar apenas um capítulo ou um trecho, é possível obter no próprio computador, tablet ou smartphone, de forma rápida e imaterial, o capítulo, o trecho ou ainda o estudo compartilhado em diversas fontes de pesquisa.

A dinamicidade digital repercute, na cultura, seu elo mais forte: a vinculação humana. As mudanças que provocamos em museus e bibliotecas, para além da inserção de aparatos tecnológicos e a digitalização de acervos, indicam uma lógica muito maior, ligada ao modo como contemporaneamente pensamos e construímos conhecimento: a lógica do acesso e do compartilhamento (ROCHA, 2018).

DESLOCAMENTOS: ESPAÇO-TEMPO DE ARMAZENAMENTO

Problematizar o lugar da leitura nos atuais contextos requer que se reflita acerca dos modos de armazenamento e, sobretudo, no contexto contemporâneo, exige que se observe os lugares da leitura que são, hoje, múltiplos e marcados pelas andanças de seus leitores em seus cotidianos ordinários.

Notadamente, as mudanças sofridas nos espaços de armazenamento e, conseqüentemente, nos lugares da leitura são, antes, impactados pelas transformações técnico-culturais que incidem sobre o objeto do ler e, em uma perspectiva mais ampla, sobre a cultura. Desse modo, o objeto livresco, bem como os demais objetos editoriais e multimodais são, doravante, atravessados pelas lógicas do que Manovich (2013) denominou de *new media*⁴ que, por sua vez, não se apresenta como novidade pelos atributos tecnológicos ou recursos dos *hardwares*, mas, pela base ontológica, a partir da pragmática computacional (MANOVICH, 2013), que redefine, inclusive, estruturas de produtos culturais históricos e as práxis em seu entorno.

Nesse horizonte, o objeto da leitura, ao ser mediado por *software* e passando a ter sua concepção assentada nas lógicas dos dados e dos algoritmos, redefine todo o cenário editorial – nos modos de produção, armazenamento, distribuição e recepção –, inclusive, reverberando sobre os modos de valorar a cultura da leitura como um todo, incidindo, inclusive, sobre as antigas acepções das bibliotecas de antanho.

Se, por exemplo, o livro impresso consolidou um decurso próprio de produção-consumo, demarcando modelos no que se refere à forma como são concebidos, armazenados, distribuídos e acessados, por outro lado, a natureza particular do livro digital impregna o cenário com mudanças em todas essas esferas e, por consequência, impacta sobre os atores que transitam em seu fluxo.

No que se refere às bibliotecas como espaço-tempo de armazenamento e, ao mesmo tempo, lugar da leitura, observam-se mudanças significativas, uma vez que os modos de organização nas interfaces gráficas dos dispositivos permitem que o leitor particularize sua “biblioteca”, criando pastas – por áreas de interesse, por exemplo –, onde a ideia das estantes⁵ que acomodaram o livro histórico cede lugar a um repertório próprio da lógica de organização informacional específica dos arquivos computacionais. Nesse passo, as estratégias utilizadas para

4- O termo “nova mídia” ou do original *new media* (MANOVICH, 2013) refere-se ao caráter ontológico dessa mídia.

5- Nesse sentido, destaca-se que os livros-aplicativos diferem em relação aos livros-arquivos, uma vez que estes últimos, além da sua própria similaridade em relação aos impressos, apontam para modos de organização do acervo nas interfaces dos dispositivos que resguardam uma espécie de *Skeuomorphic*, de outra maneira, salvaguardam elementos nas interfaces que mimetizam os recursos físicos das prateleiras e estantes de outrora. O *newstand* da Apple, por exemplo, simula uma estante, permitindo que o leitor armazene visualmente seu acervo. Já os *appbooks*, dada a sua própria natureza enquanto *software*, seguem uma cultura e lógica de organização, nas interfaces gráficas dos dispositivos, particulares à modalidade em si.

localização de um título em um acervo de biblioteca pública, por exemplo, também são substituídas, posto que as complicadas numerações e catalogações para identificação da obra entre as muitas prateleiras dão lugar a sistemas de busca automáticos que são comumente manipulados pelos próprios leitores.

Essas questões últimas sinalizam, também, para mais uma peculiaridade do livro digital, uma vez que um dispositivo pode funcionar como livraria, biblioteca e livro, assumindo atribuições antes desvinculadas do livro impresso, como a compra e o armazenamento de títulos. Os próprios *appbooks*, em alguns casos, se configuram também como livro, livraria e biblioteca, quando estes, via *in app purchasing*⁶, permitem adquirir, organizar e arquivar, mesmo que em nuvem⁷, títulos que pertencem ao conjunto de uma obra.

Observa-se também que os *gadgets ubíquos* passam a viabilizar a leitura além dos limites tradicionais das antigas bibliotecas, salas climatizadas de leitura ou salas de aula, refletindo no que é apontado pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁸, que sinaliza para o fato de que a leitura – do livro impresso e digital – tem se efetivado de forma significativa em outros espaços além dos tradicionais do impresso, indicando, por exemplo, os espaços-tempos de trânsito, em transporte público, como um local de leitura que ganha destaque.

Essa questão, por certo, se desdobra em algumas breves reflexões. A primeira se refere ao fato de que a leitura antes silenciosa e solitária ganha novos ares quando é realizada em meio a multidões, seja do espaço geolocalizado onde o leitor lê, seja quando se pensa em livros em que a leitura-escrita se constrói em rede. A segunda, quando faz perceber que a atividade leitora hoje invade o cotidiano do sujeito, se permitindo interconectar com outros afazeres, como se deslocar ao trabalho, por exemplo, atribuindo novos adjetivos à atividade leitora, como dispersa, descontinuada e fugaz. A terceira, por fim, sinaliza para o fato de que, diante da locatividade própria dos *hardwares* de leitura, não só os dados de geolocalização de cada leitor alimentam os algoritmos do sistema, como, através de recursos como a realidade aumentada, por exemplo, os espaços geográficos passam a imputar vestígios que se dirigem às muitas leituras interconectadas.

Esse movimento cultural, por certo, viabilizado pela ubiquidade dos dispositivos, é também corroborado e se apresenta como espelho-reflexo de uma visão tecida historicamente acerca da ideia dos espaços de leitura, como as bibliotecas. Conforme registra a pesquisa citada, a noção comumente associada às bibliotecas⁹ está diretamente vinculada a um lugar para pesquisar e estudar, ao passo que uma minoria de leitores as percebe como um local de lazer.

De outra maneira, levar o livro ao cotidiano ordinário do sujeito se apresenta como um fenômeno natural do contexto – frente às lógicas de convergência e locatividade –, quando as atividades antes restritas a espaços específicos se mes-

6 - Acrescentar o rodapé: 6. Embora nem todos os aplicativos permitam compras a partir da sua própria estrutura, a noção de *in app purchasing* faz com que conteúdos extras ou assinaturas possam ser adquiridos através do próprio aplicativo, como, por exemplo, quando se compram mais vidas em um jogo ou um novo capítulo de uma obra.

7 - A noção de nuvem faz referência à computação em nuvem que, por sua vez, refere-se ao fornecimento de serviços de armazenamento em servidores através da internet. Nesse sentido, a memória da sociedade estaria, então, entregue a poucos conglomerados que prestam esse tipo de serviço, disponibilizando dados que são por estes utilizados.

8 - Pesquisa realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, entidade mantida pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros). A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2016 ouviu 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, representando 93% da população brasileira. Destaca-se que a pesquisa considera leitor (apontando para índices de leitura) quem leu inteiro ou em partes pelo menos um livro nos últimos três meses. Já o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

9 - A referida pesquisa registra que 71% dos entrevistados percebe a biblioteca como um lugar para pesquisar e estudar, ao passo que apenas 14% a percebem como um local de lazer.



10 - Neologismo que quer traduzir a ideia de implicar lógicas de entretenimento em atividades cotidianas

11 - A etimologia da palavra biblioteca é derivada de *biblion*, que significa "papel ou rolo com escrita", e *theca*, que carrega o significado de "depósito", ou seja, um lugar para guardar livros de papel. Disse-se não pertinente, pois além de assentar-se sobre outra materialidade, esse lugar hoje abriga muito mais do que livros.

12 - A Biblioteca São Paulo, sediada onde no passado foi o Presídio do Carandiru, concorreu ao Prêmio Biblioteca do Ano no *The London Book Fair International Excellence Awards 2018*, juntamente com outras bibliotecas da Noruega, Dinamarca e Letônia

13 - O artigo completo pode ser acessado através do link: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/pioneira-da-internet-alerta-para-idade-das-trevas-digital/>.

14 - Restrições essas contrárias ao ideal do Projeto Gutenberg e a Biblioteca Miguel de Cervantes, cujos projetos, embora cada um resguarde suas particularidades, centram-se no esforço em digitalizar e distribuir, em formato aberto e acessível em qualquer plataforma, obras culturais em domínio público.

15 - Arquivos encapsulados são aqueles que apresentam linguagens de programação que restringem seu acesso por *softwares* ou *hardwares* específicos, geralmente assegurando interesses comerciais de quem os produz – contrários às lógicas do *creative commons* –, inviabilizando cópias e compartilhamentos, tornando o acesso restrito a aplicativos e/ou dispositivos específicos.

16 - O número restrito de S.O. indica, por um lado, que toda a memória da humanidade está entregue às poucas – e por isso com grande força – empresas de tecnologia, colocando a sociedade em uma condição de subserviência, ao passo que aponta para a incompatibilidade de acesso, por fechamento de linguagens que cada sistema operacional requer.

17 - Para além do que foi destacado, a questão da democratização da informação na era digital envolve também tantas outras preocupações como, por exemplo, aspectos voltados para o acesso, ainda limitado, à internet, questões de ordem de um escasso alfabetismo digital e, ainda, dimensões de ordem da cultura e do acesso a dispositivos próprios ao ler, pois, conforme aponta a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, entre os que compraram livros nos últimos três meses por vontade própria, 18% preferiram o livro impresso e apenas 1% optou pela modalidade digital (a pesquisa não diferencia o consumo de livros-aplicativos e livros-arquivos)

clam às experiências e afazeres da rotina de cada sujeito de forma individual e coletiva. Essa questão, de alguma forma, parece dessacralizar o objeto histórico, fazendo-o transitar no ordinário cotidiano, se integrando a uma espécie de fenômeno contemporâneo que tende à "entreteneização"¹⁰ de muitas das atividades corriqueiras. Junta-se a essa questão o fato de que se o acesso à informação antes esteve fortemente atrelado ao livro e à leitura, hoje esse papel é compartilhado com novas maneiras de construir, refletir e propagar conhecimento que se espalham rapidamente e em massa ao sabor das tecnologias da informação e da comunicação.

Essa perspectiva tem provocado, inclusive, rebulições na conformação dos antigos espaços sagrados da leitura. Não mais pertinente à etimologia da palavra, as bibliotecas¹¹, em um movimento global, caminham em direção a uma descentralização do livro, indo em busca de outras alternativas mais pertinentes à cultura contemporânea, fazendo com que espaços como a Biblioteca São Paulo¹² rompam com a noção cristalizada de lugar silencioso e reverenciado ao livro, tornando-se centros culturais e, como tal, passando a agregar outros instrumentos e mobiliários a sua estrutura física, além de outras atividades a sua programação.

Se, por um lado, o objeto livresco serviu, até aqui, como depósito da história da humanidade, endurecendo a memória (FLUSSER, 2010), por outro, vive-se a iminência da perda, em algum momento da história, de um sem-fim de conteúdos disponibilizados na rede, frente à possibilidade da obsolescência de *hardwares* e *softwares*, levando a humanidade, conforme afirma Vint Cerf, vice-presidente do Google, à Idade das Trevas Digital¹³, com gerações futuras sem nenhum registro do nosso século (GARCIA, 2015). Essa questão, inclusive, faz perceber que o armazenamento nos servidores dessas empresas implica também em restrições de acesso¹⁴, uma vez que os arquivos, quando não encapsulados¹⁵, obedecem à linguagem de programação das empresas que os mantêm, sempre vinculados aos seus particulares sistemas operacionais – *Android*, *Windows*, *iOS*¹⁶ –, o que, em um horizonte mais amplo, impede a democratização¹⁷ da informação e, conseqüentemente, da leitura em si.

Os espaços das bibliotecas, doravante, deslocam-se na exata medida dos deslocamentos dos seus leitores, uma vez que a locatividade dos dispositivos de leitura permite que cada legente possa personalizar suas próprias bibliotecas, bem como passam, como destacado, a poder ler a qualquer tempo e em qualquer lugar. O livro em ambiência digital subverte a noção do tempo e do espaço da leitura e compromete, em definitivo, hábitos tradicionais do livro impresso, como a posse, o empréstimo, as marcações em linhas e margens e, ainda, a possibilidade de arquivamento e retorno a qualquer tempo à leitura do mesmo. As lógicas da posse são substituídas pelo acesso e as lógicas de

empréstimos – compartilhamento – são, antes, subordinadas às políticas de uso do livro-*software* e, por essa razão, subordinadas a mecanismos mercantis que, ademais, vem impactando o acesso e a leitura, também, a partir de políticas demarcadas por tecnologias preditivas (PARISER, 2012).

Mais além, entorno da questão do armazenamento e das bibliotecas, se, por um lado, o acervo pessoal aparenta estar protegido de intempéries – como a do amarelamento das páginas, por exemplo –, tendo suas versões, supostamente, asseguradas em bibliotecas digitais, por outro, essa questão abre para uma outra longa e delicada discussão que diz, antes, da preservação da história e memória da humanidade entregue aos poucos e imensos conglomerados¹⁸ que detêm sobre seu domínio grande parte do acervo na atualidade.

DESENREDOS

Tendo em vista as reflexões alcançadas com o desenvolvimento desse estudo, pode-se inferir que a condição ontológica das bibliotecas vem, paulatinamente, reconfigurando, de forma profunda e sem precedentes, não somente a teoria em si e as práticas em seu entorno, como, sobretudo, os modos de valorar, como um todo, a cultura digital. A linguagem multissensorial, com os sentidos nas relações, possibilita formações linguísticas para as conexões, com significados e sentidos que produzem uma unidade semântica diacrônica e sincrônica.

Semelhantemente, as mídias têm avançado significativamente, emergindo outras tendências convergentes e fluidas, enquanto meios, canais, veículos, mídias, em que se processam. Tais tendências decorrem de avanços científicos e tecnológicos, como fontes de transmissão em processos comunicativos, com a inserção de uma política midiática de conexão, acesso e compartilhamento. Desse breve panorama, infere-se que não são poucas e nem superficiais as transformações promovidas pela ontologia da nova mídia que, notadamente, tem implicado em um alvoroço geral na cadeia produtiva, exigindo, além de tudo que já foi mencionado, que sejam revisitados inúmeros outros aspectos vinculados aos espaços de armazenamento do conhecimento humano.

Virtualmente, a tecnologia pode mudar o mundo, porém, na prática, quem muda o mundo são as pessoas, quando adquirem conhecimento e práticas capazes de provocar essa mudança. O campo da cultura se firma na coletividade, como traços de compartilhamento social. A cultura é indelevelmente gravada nas pessoas exatamente pelo compartilhamento e pela experiência, e de tal modo o é que damos razão ao dito popular de que podemos tirar uma pessoa de um lugar, mas será muito mais difícil tirar esse lugar da pessoa, entendido como experiência tida.

18 - Atualmente, os gigantes Amazon e Google retêm, sobre suas plataformas, grande parte do acervo livresco/informacional disponível na rede. Fonte: <https://diplomatie.org.br/amazon-apple-google-as-gigantes-do-pos-crise/>.

De igual modo, pode-se definir que uma pessoa não nasce em uma cultura, mas a cultura nasce em uma pessoa, exatamente por conceber que a cultura é fruto das experiências sociais, que constitui, no sujeito, gostos, valores, modos de ser, pensar e agir. É nesse lastro que se torna possível contextualizar pessoas, inferindo sobre seus costumes, seus valores e modos de pensar e agir.

REFERÊNCIAS

- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *ACM DL Digital Library*. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=298574>. Acesso em: mai 2018.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge and London: MIT Press, 2002.
- BRASIL. Lei n. 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 31 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm. Acesso em: mai 2018.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CORDEIRO, Luciana Zenha. *Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na internet*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2001.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução de Giovanni Cutolo. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FLEXOR, Carina Ochi. *Da ontologia livresca à experiência da leitura em contexto digital: entre a consonância e o conflito*. 2018. 216 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- FLUSSER, Vilém. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- GARCIA, Gabriel. *Pioneiro da internet alerta para Idade das Trevas digital*. *Exame*, São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/pioneira-da-internet-alerta-para-idade-dastrevas-digital>. Acesso em: 22. fev. 2016.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. Londres: New York University Press, 2006.
- LEMONS, André. *Jogos móveis locais: cibercultura, espaço urbano e mídia locativa*. *Revista USP*, São Paulo, n. 86, p. 54-65, 2010.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1998.

- LIMA JÚNIOR, Walter T. *Jornalismo computacional em função da "Era do Big Data"*. Líbero, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 45-52, dez. 2011.
- MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 211-214, mai-ago. 1994.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MANOVICH, Lev. *Software takes command*. New York: Bloomsbury Academic, 2013.
- MANOVICH, Lev. *The language of the new media*. Massachusetts: MIT Press, 2002.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo, Itau Cultural; Unesp, 2003.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ROCHA, Cleomar. *Conectividade: a cultura do acesso e do compartilhamento*. Diário da Manhã. n. 11.335. p. 19. Caderno: Opinião Pública. 29/10/2018.
- RODRIGUES, Olira Saraiva. *Museus em REDEenvolvimento? 2017*. 200 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós- humano. *Revista FAMECOS* • Porto Alegre • no 22 • dezembro 2003. quadrimestral. Disponível em: <http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2018.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.



DOSSIÊ

Carina Ochi Flexor

Doutorado e Mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG); docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFS); pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas (UFG) e do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (UFS). cflexor@gmail.com

Cleomar de Sousa Rocha

Pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP; Pós-doutorado em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-doutorado em Poéticas Interdisciplinares pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Arte e Tecnologia da Imagem pela Universidade de Brasília; Graduação em Letras pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iporá. Professor da Universidade Federal de Goiás; Coordenador do Media Lab da UFG. cleomar-rocha@gmail.com

Olira Saraiva Rodrigues

Pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ). Doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG); Mestrado em Educação (PUC-GOIÁS); Graduação em Letras (UEG). Professora da Universidade Estadual de Goiás e Coordenadora de Português para Estrangeiros do Programa Idiomas sem Fronteiras da Assessoria de Relações Externas da UEG. olirarodrigues@gmail.com.